O COTIDIANO CONTADO POLIFONICAMENTE: A SOCIEDADE BRASILEIRA DESDE OS TEMPOS DE MACHADO DE ASSIS

THE DAILY TOLD POLYPHONICALLY: BRAZILIAN SOCIETY SINCE THE TIME OF MACHADO DE ASSIS

Carina Dartora Zonin*

Resumo

Os tempos modernos são paradoxais por natureza. O ápice destas tensões evidenciaremos na crônica machadiana da série **Bons dias!** Para tanto, consideraremos os gêneros discursivos, a dialogia e a polifonia, à luz dos princípios de Bakhtin. Como *corpus*, elegeremos trechos representativos dos tipos de discursos, o político e o religioso, ambos entrecortados pelo social. Neste sentido, observaremos, através do funcionamento polifônico, princípios constitutivos da sociedade brasileira, historicamente instável, inconstante, contraditória.

Palavras-chave: Polifonia; Dialogia; Gêneros discursivos; Tensões sociais.

Considerações iniciais

De um modo significativo, as transformações sócio-históricas revelam momentos-chave para o pensamento do homem em sociedade. Em nosso estudo, partimos do contexto da abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, para seguirmos refletindo acerca dos ideais antagônicos que regem o homem em

---

* Professora substituta no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, Campus Sertão, especialista em Estudos Linguísticos do Texto e em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Literatura Brasileira pela mesma instituição de ensino.

sociedade, (re)significando o contexto em que conviviam, fraternalmente¹, os ideais liberais e conservadores, a monarquia e a república, a liberdade e o escravismo.

As formações discursivas, apreendidas pelos meios de comunicação impressos e/ou falados, fixam no tempo uma tradição, modos de dizer que, sensivelmente, soam representativos na dinâmica social que conserva, com maior ou menor intensidade, tons e ecos dos tempos passados, constituindo, assim, o amadurecimento dos princípios que, historicamente, regem a sociedade brasileira, dos tempos de Machado aos nossos dias. Entre os meios potenciais de registro dos discursos, consideraremos a crônica como um gênero que, por excelência, absorve a cotidianidade, o espaço que tende a universalizar traços típicos do contexto a que se volta o olhar do escritor, evidenciando, em diferentes proporções, as tensões sociais que, substancialmente, perpassam a vida de todo homem.

Dentre os tipos discursivos, consideraremos como discurso político aqueles dizeres que se relacionam com a esfera específica de atividade de enfrentamento político-partidário e como discurso religioso aqueles dizeres que conservam a crença num Deus único e superior e que representam a fé espiritual do homem em sociedade. Ambos enunciados por dizeres oriundos de uma esfera mais geral ou mais compartilhada pelos sujeitos, a saber, o discurso social.

Deste modo, procuraremos respostas para as seguintes questões de pesquisa, de caráter abrangente: que caminhos nos levam a eleger como possível o diálogo entre a teoria polifônica de Bakhtin e a crônica machadiana? E, mais especificamente, como se revelam as tensões sociais na voz da *persona* do cronista², à luz da polifonia?

Para tanto, procuraremos perceber os efeitos de sentido que, realçados pelo tom satírico e irônico das vozes que falam através da *persona* do cronista, concebem o momento histórico enquanto fluxo e movimento que, ao significar determinados fatos, revela perspectivas importantes para pensarmos o ‘antes’ e o ‘depois’ da história. Sendo assim, inspirados pela ideia de fluxo e movimento na transformação e amadurecimento dos princípios sociais, partiremos de uma reflexão teórica acerca do caráter ilimitado e sócio-histórico dos gêneros discursivos.

---

¹ Como pano de fundo, a História do Brasil, a libertação dos escravos e o conservadorismo local, de ordem burguesa, compondo a aparente “harmonia”. De um lado, aspiração, de outro, realismo: os ideais liberais e a força do regime escravocrata.

² Pela acepção de John Gledson (2008), em sua “Introdução e notas” à série, chamaremos *persona* do cronista ao invés de narrador a instância que na crônica incorpora o coro de vozes sociais.

1. O caráter sócio-histórico e ilimitado dos gêneros discursivos

A relação “literatura, sociedade e história” se constitui, na perspectiva proposta por Bakhtin acerca dos gêneros discursivos, como uma instância essencialmente dialógica. Por estarem relacionadas ao uso efetivo da língua, aos sujeitos e às situações de comunicação, as formas composicionais são concebidas como tipos relativamente estáveis de enunciados, distanciando-se, assim, do pensamento tradicional que procura preservar, ao máximo, formas típicas de composição do discurso.

Como um contraponto à estilística tradicional defendida pelos formalistas russos como um parâmetro para a constituição do literário, conservando as formas puras de composição da poesia, Bakhtin irá dedicar seu estudo à forma impura por excelência, a saber, a prosa romanesca. Dentre os gêneros consagrados, o romance e a poesia, estão os que ainda necessitam de maior legitimação, tal como o nosso objeto de estudo, a crônica. Pela perspectiva discursiva, que distingue os gêneros enquanto uma forma histórica e ilimitada, pensamos a realização da crônica a partir da categoria proposta por Cristóvão Tezza (2003), em seu texto **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**, que, ao refletir acerca de tais instâncias discursivas, imagina uma espécie de *continuum* que se realiza entre dois polos ideais para as formas literárias. Aproximando mais a lente, observamos a transição que se estende de uma forma mais próxima à literatura, conservando ao máximo os valores estéticos e artísticos da composição, às formas que se aproximam mais aos fatos cotidianos, sem com isto transcender ao contexto; são estes os tipos discursivos que, por se fixarem mais estritamente ao tempo, nascem sob o risco do esquecimento e da leitura imediata. Entre um polo e outro, situamos a crônica machadiana como aquele tipo discursivo que se aproxima mais ao estilo literário, conservando, ao máximo, o caráter ficcional e a transgressão do particular ao universal.

O caráter dinâmico e sócio-histórico dos gêneros discursivos pode ser visto sob três enfoques, o que diz respeito ao tema (conteúdo), ao estilo (sua forma linguística) e à estrutura composicional (construção). Esta tríade permeia o todo do enunciado e, a cada nova junção, demarca um tipo discursivo e a heterogeneidade dos gêneros. Ao refletir acerca de traços genéricos, Bakhtin propõe a distinção de

duas categorias: a dos gêneros primários (simples) e secundários (complexos). Desse modo, considera gênero secundário como aquele cujos enunciados aparecem em uma circunstância de comunicação cultural complexa (ex.: a prosa romanesca) e gênero primário como aquele cujos enunciados constituem o anterior, conservando a sua forma, mas adquirindo um conteúdo no conjunto (ex.: a carta inserida no romance).

Pelo atravessamento de vozes e de discursos alheios, consideraremos a crônica machadiana como um gênero secundário, cuja complexidade não atinge a voltagem máxima, própria da prosa romanesca, mas conserva, significativamente, características intrínsecas daquela, constituindo um estilo peculiar de mascaramento dos gêneros primários que, ao serem incluídos no discurso, transcendem a imediatez da realidade. Antes de ouvirmos as vozes machadianas, seguiremos a reflexão teórica, especificamente acerca do caráter dialógico e polifônico da linguagem.

2. O caráter dialógico e polifônico da linguagem

Historicamente, a palavra enunciada pela voz do outro se constitui como uma arena conflitual e tensa. Nesta perspectiva, pensamos o dialogismo como princípio constitutivo dos gêneros que, por seu caráter dinâmico e sócio-histórico, dá vida à multiplicidade discursiva.

Para tanto, há formações discursivas em que as vozes se ocultam sob a aparência de uma única voz que se faz ouvir e que conserva para si o máximo de autoridade. Estas formações discursivas são chamadas por Bakhtin de monofonia, por oposição às de polifonia, objeto de interesse de nosso estudo e que diz respeito ao jogo existente, no interior do discurso, de vozes que, originadas de uma esfera social abrangente, deixam entrever elos que dialogam entre si, que se complementam quando o atravessamento dos discursos sociais contribui para o entendimento de dizeres que se somam, fortalecendo o discurso, ou que se contradizem quando o atravessamento desses discursos polemiza-se, denunciando elos que se afastam.

Deste modo, observaremos a crônica machadiana como uma manifestação dialógica em que as vozes emergem dos discursos e revelam as perspectivas

latentes à palavra. Diferentemente da prosa romanesca que, por se constituir num texto mais longo e complexo, revela a autonomia das vozes através de personagens, em nosso estudo observaremos especialmente a voz da *persona* do cronista como regente da multiplicidade de dizeres que afloram de seu próprio discurso e o tornam participante do diálogo interno, promovendo uma espécie de encenação entre os dizeres. Nesta perspectiva, retomando os estudos de Bezerra (2005) acerca do narrador que, ao participar do discurso, cria “relações dialógicas, isto é, aquele ‘tipo especial de relações entre sentidos’ das quais só podem participar enunciados plenos, ‘atrás dos quais (ou nos quais se autoexprimem) sujeitos reais ou potenciais do discurso” (BEZERRA, 2005, p. 197).

Para tanto, ao evidenciarmos o alcance potencial do dizer polifônico, através da voz da *persona* do cronista, procuraremos ouvir os sentidos que emanam tanto da natureza do enunciado quanto da perspectiva essencialmente dialógica que perpassa o tempo e fortalece a história enquanto fluxo, como algo que, a cada nova época, incide sob um novo rótulo, talvez o mesmo que de forma sutil, nos tempos de **Bons dias!**, reveste os princípios que efetivamente movem a sociedade brasileira. Sendo assim, seguem considerações de ordem estrutural, sinalizadoras da escuta polifônica que sobressai, logo a seguir, na crônica machadiana.

3. Os tipos discursivos à luz do pensamento polifônico: prerrogativas à ordem do debate

Partindo de um contexto histórico específico, situado no período de 1888 a 1889, momento-chave para pensarmos a revelação das tensões sociais, consideraremos os enunciados enquanto um produto ideológico vivo. Um dos marcos centrais do contexto de produção de **Bons dias!**³ é marcado pela abolição da escravatura, pela lei que anuncia liberdade ao homem do povo, simples e humilde, negro e escravo que, de uma condição de aprisionamento passa a absorver os co-mandos de uma nova era. Neste cenário, os ideais liberais iniciam a longa caminhada, que perpassa a defesa do regime republicano ao invés da

---

³ Conforme Gledson (2008), as crônicas da série foram publicadas, originalmente, no periódico **Gazeta de Notícias**, durante o período 05 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889, perfazendo um total de 49 crônicas.

monarquia, da igualdade de direitos inspirada pelo espírito democrático ao invés de sistemas autoritários e hierárquicos, tudo em prol de um “país novo”, de um “homem novo” que, significativamente, (re)nasce para si e para o mundo.

Para este estudo, elegemos quatro crônicas⁴ representativas da série e que, de um modo significativo, concentram dizeres que resplandecem a perspectiva proposta. Em nossa análise, optamos por preservar a naturalidade com que os tipos discursivos afloram na voz da *persona* do cronista, evidenciando o conjunto de crônicas como um enunciado único. Falaremos, portanto, do alcance histórico-social do enunciado, valorizando o sentido em detrimento da data de publicação da crônica que, na série, funciona como uma espécie de título que individualiza os textos. Assim, é chegado o momento de ouvir as vozes!

3.1. A polifonia na voz da *persona* do cronista: o discurso social entrecortado pelo político e pelo religioso

Como um elo entre arte e vida, as vozes que falam na crônica machadiana concedem a palavra ao homem social, ao homem do cotidiano, que, distante do discurso formalizado da história, a anuncia impregnada de contradições latentes que preservam, em voltagem máxima, a natureza que, efetivamente, mobiliza o homem através dos tempos.

O cruzamento de discursos na voz da *persona* do cronista realça os conflitos e as contradições de um tempo em formação, potencial para pensarmos a gestação de princípios que fecundam uma nova orientação social no velho sistema que já não podia mais se mostrar, ao menos declaradamente, autoritário e escravocrata. A multiplicidade de discursos e de pontos de vista estreita ainda mais os laços que unem o dizer machadiano e a vida cotidiana, já que as vozes que falam através da *persona* do cronista incorporam a natureza contraditória de um mundo em que os relógios já não marcam a mesma hora:

Chego a um dos distritos, não me lembra qual, nem o nome da pessoa, e que hei de ler? Que o candidato era apresentado pelos três partidos, liberal

---

⁴ Os trechos representativos para a análise serão selecionados das crônicas publicadas, respectivamente, nos dias 05 de abril e 19 de maio de 1888 e, ainda, as do dia 19 de março e 22 de agosto do ano de 1889.

conservador e republicano. A primeira coisa que senti foi uma vertigem. Depois, vi amarelo. Depois, não vi mais nada. (...) Upa! Que caso único. Todos os partidos armados uns contra os outros no império, naquele ponto uniam-se e depositavam sobre a cabeça de um os seus princípios. (...) Deem-me essas responsabilidades, e verão se me saio delas sem demora (...) diria então que ser conservador era ser essencialmente liberal, e que no uso da liberdade, no seu desenvolvimento, nas suas mais amplas reformas, estava a melhor conservação. Vede uma floresta! (exclamaria, levantando os braços). Que potente liberdade! e que ordem segura! A natureza, liberal e pródiga na produção, é conservadora por excelência na harmonia em que aquela vertigem de troncos, folhas e cipós, em que aquela passarada estridula, se unem para formar a floresta. Que exemplo às sociedades! que lição aos partidos! (GLEDSON, 2008, p. 291-292)

Eis que, através das vozes, sentimos a entoação e a desenvoltura do discurso dos vorazes ídolos do sistema que, camaleonicamente, mudam, transformam-se, adaptam-se, tudo em prol, senão dos princípios e da nação, certamente da conveniência que une poder e ostentação, e tudo isto está bom, ao menos para os políticos. Em sua essência, elas incorporam a dinâmica social, em que o homem, de sua condição individual de sujeito, autêntico e íntegro, passa facilmente para o seu oposto, inscrevendo-se num mundo de indivíduos movidos pela ganância do 'ter' em detrimento do 'ser'. Nesta dinâmica, passamos de um tempo em que conviviam familiarmente os ideais liberais e conservadores para uma época em que, mais propriamente, inscrevem-se aspirações de ordem democrática e capitalista num mundo em que, efetivamente, as "ideias estão fora do lugar", recordando Schwarz (2011), em seu texto **A viravolta machadiana**.

Ainda sobre a dose de realismo, o discurso religioso, objeto de nosso estudo, perpassa os dizeres machadianos e se constitui como porta-voz da natureza imperfeita do homem, fruto do pecado e da alta imagem que faz de si mesmo:

Deus fez programa, é verdade (E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para que presida etc. Gênesis, I, 26): mas é preciso ler esse programa com muita cautela. Rigorosamente, era um modo de persuadir ao homem a alta linhagem de seu nariz. Sem aquele texto, nunca o homem atribuiria ao criador, nem a sua gaforinha, nem a sua fraude. É certo que a fraude, e, a rigor a gaforinha são obra do diabo, segundo as melhores interpretações; mas não é menos certo que essa opinião é só dos homens bons; os maus creem-se filhos do céu – tudo por causa do versículo da Escritura (GLEDSON, 2008, p. 80).

A esperança na terra não pode vingar de modo mais fecundo sem a altivez do céu que, por sua vastidão, ilumina a consciência de todo o homem e, por um lado, reflete uma multidão de fiéis que acreditam na imagem espiritual de um Deus supremo ante os homens e, por outro, resplandece o pensamento glorioso e, por sua vez, mais globalizado, que inibe as fronteiras entre Criador e criatura e, logo, se

faz homem e se faz Deus, uma espécie de semideus a apresentar programas, anunciando, à maioria menos otimista, que tem a chave capaz de abrir as portas do paraíso e de que ainda é tempo de restituir o eixo que movimenta a engrenagem do mundo em direção à terra prometida. Talvez aqui o princípio do desajuste que, ao modo de Brás Cubas, rege a sociedade através dos tempos: “Cada homem tem necessidade e poder de contemplar o seu próprio nariz, para o fim de ver a luz celeste, e tal contemplação, cujo efeito é a subordinação do universo a um nariz somente, constitui o equilíbrio das sociedades” (MACHADO DE ASSIS, 1978, p. 79). Por esta via, o homem, compenetrado na contemplação do próprio nariz, segue manipulando uma multidão de fiéis que, ante a um emaranhado de luz e sombra – efeitos da sublimação do ser pela ponta do nariz – ficam extasiados, um pouco confusos e isto, se não representa o contentamento de todos, por certo resplandece a vaidade do indivíduo:

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico. No golpe do meio (...) levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado. Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho), pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouí cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo. (GLEDSON, 2008, p. 109-110)

Em lugar de formas mais declaradas e objetivas – o exacerbado escravismo -, a sociedade brasileira se iniciava em sutilidades, refinamento de classe – futilidades –, a nobreza e distinção dos senhores, o rebaixamento e a discriminação dos serviçais, duas faces de uma mesma moeda, cara aos brasileiros. Conforme Gledson (2008), “a abolição não é um movimento da escuridão para a luz, mas a simples passagem de um relacionamento econômico e social opressivo para outro” (GLEDSON, 2008, p. 31), já que, ainda em palavras do crítico, “o regime imperial tentava acabar com a escravidão sem acabar consigo mesmo” (GLEDSON, 2008, p. 17). E, seguindo a encenação:

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

- Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

- Oh! meu senhô! Fico.

- Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. (...)

Pancrácio aceitou tudo: aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos. (...) O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes da abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar (simples suposição) é então professor de Filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: és *livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu. (GLEDSON, 2008, p. 110)

A constante teatralização das vozes, uma espécie de encenação dialógica que perpassa o discurso, promove o contraponto, o jogo irônico que alfineteia, sem pudor, a ordem e os bons costumes, a sociedade e as instituições, representadas, sobretudo, pela crença religiosa e política. Distanciamo-nos, efetivamente, da ingenuidade romântica e, em chão firme, encaramos o espírito profano, pervertido em volta de si e de suas vontades que, com seu poder de perdão, com seu poder de verdade, joga, o tempo todo, a seu favor; supremacia invocada por um 'deus', já totalmente abnegado da pureza, subvertido aos mandos e desmandos de uma sociedade de classe, que, a seu modo, acena em direção aos ideais políticos revolucionários.

Por este viés, tudo retorna sob uma nova máscara. A nova ideologia segue o percurso dos velhos princípios conservadores, em que o que sobrevive é o tom de altivez e supremacia dos preceitos, enquanto que o atraso social e cultural permanece dependente e em si nada glorioso. E como o realismo em Machado é um traço constitutivo, pensar a negação dos princípios que, naturalmente, movem a sociedade conservadora e capitalista é, em última instância, contradizer o fluxo da história e a condição desenganada do sujeito imerso em tais contextos, dos tempos imperiais à modernidade. Assim, em diálogo contínuo, falam as vozes:

Faleceu em Portugal o Sr. Jacome de Bruges Omellas Ávila Paim da Câmara Ponce de Leão Homem da Costa Noronha Borges de Sousa e Saavedra, 2º Conde da Praia da Vitória, 2º Visconde de Bruges. Quarta-feira, na igreja do Carmo, diz-se uma missa por alma do ilustre finado, e quem a manda dizer é um seu amigo - nada mais que amigo gratíssimo à memória do finado. Nenhum nome, nada, um amigo; é o que leio nos anúncios. (...) Podia ir quarta-feira à missa, com o fim único de perguntar

quem a manda dizer; o sacristão mostrava-te de longe, e eu via-te, conhecia-te; mas não vou, não quero. Prefiro crer que é tudo uma ilusão, uma fantasmagoria, que não existes, que és uma hipótese. Dado que não, ainda assim não quero conhecer-te; a vista da pessoa seria a maior das amarguras. Deixa-me a idealidade; posso imaginar-te a meu gosto, um asceta, um ingênuo, um desenganado, um filósofo. (GLEDSON, 2008, p. 253-254)

4. Considerações finais

Com o intuito de evidenciar a crônica machadiana como um espaço propício à instanciação de vozes sociais, assim como a forma já consagrada do romance, elegemos para o nosso estudo dizeres representativos de um diálogo inconcluso, que transcende o tempo fixo da história, constituindo com eles um enunciado único, que muito tem a dizer acerca de nossa condição de sujeito no mundo. Nesta perspectiva, o cronista se constitui um hábil artesão da experiência e seguindo com Davi Arrigucci Jr., em seu texto **Enigma e comentário**, a crônica “parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica” (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 53).

Sendo assim, repensando as questões de pesquisa, dizemos que a visão antilírica de Machado contribui fortemente para a incorporação das tensões sociais na voz da *persona* do cronista. O discurso machadiano conserva o gene que, pelo fluxo da história, vem se desenvolvendo e, de um modo significativo, ganha corpo e substância nos tempos modernos, tempos de maior encantamento da sociedade pelo espetáculo, pelas ações representadas por sujeitos que, antes mesmo de revelarem valores íntegros e autênticos, consagram-se como ídolos. Por este viés, o estilo machadiano inaugura um modo nada ufanista de enxergar o território brasileiro, sua gente e sua terra. Ao conceder a escuta da palavra, de discursos e de vozes, a *persona* do cronista protagoniza uma atitude revolucionária, em perspectiva oposta aos detentores do poder e do *status* social. São as múltiplas vozes da existência que falam através dos dizeres machadianos, é a voz que, ao revelar criticamente a pomposidade e a altivez entoada pelos cidadãos “de porta acima”, pelos que preferem o manto ante o que ele encobre, fala ao mundo o que se esconde por baixo do pano, salientando os valores subvertidos e as ideias ocultas e, assim, anuncia ao mundo o que falta, não o que sobra. Ainda, pelo uso de

pseudônimos, Machado fortalece o caráter contestatório da série, uma afronta ao sistema vigente.

As vozes que falam através da *persona* do cronista anunciam ao mundo um novo tempo e uma nova história, distante de uma visão romântica e absorvendo, expressivamente, o mundo caótico e caduco, próprio da natureza discursiva de grandes escritores. O estilo de Machado cronista representa, efetivamente, a realização que explora todas as possibilidades qualitativas do gênero, constituindo dizeres que fortalecem o espaço do jornal como propício à contestação, feita aos moldes da sutilidade, própria do romancista Machado de Assis e do caráter polifônico do discurso. Assim, por esta via é que percorremos o realismo machadiano à luz da polifonia bakhtiniana.

Abstract

Modern times are paradoxical in nature. We will evidence the culmination of these tensions in the chronic of the series **Bons dias!**, by Machado. For this, we will consider the genres, the dialogism and polyphony, in light of the principles of Bakhtin. As a *corpus*, we will elect excerpts representing the discursive types, political and religious, both punctuated by social. In this sense, we can observe through the polyphonic operation, constitutive principles of Brazilian society, historically unstable, inconsistent, contradictory.

Keywords: Polyphony; Dialogism; Discursive genres; Social tensions.

Referências

ARRIGUCCI JR, Davi. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 238 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1990, 476 p.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 191-200.

GLEDSON, John. Introdução e notas. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Bons Dias!** 3 ed. Campinas: UNICAMP, 2008.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Bons Dias!** 3 ed. Campinas: UNICAMP, 2008, 319 p.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978, 173 p.

SCHWARZ, Roberto. **A viravolta machadiana**. Disponível em: <http://antivalor.atspace.com/outros/schwarz_index.html> Acesso em: 21 mar. 2011.

TEZZA, Cristóvão. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, 319 p.